



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

Cristiane da Silva Pralon

Literatura, Mulher e Espaço Social: o caso Emília Freitas

RIO DE JANEIRO

JUNHO 2023

Cristiane da Silva Pralon

Literatura, Mulher e Espaço Social: o caso Emília Freitas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras, realizado sob orientação do Professor Doutor Manoel Ricardo de Lima Neto.

RIO DE JANEIRO

JUNHO 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

Literatura, Mulher e Espaço Social: o caso Emília Freitas

por

Cristiane da Silva Pralon

Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Manoel Ricardo de Lima Neto [UNIRIO, orientador]

Professora Doutora Giselle Maria Sarti Leal [UNIRIO, avaliadora]

RIO DE JANEIRO

JUNHO 2023

AGRADECIMENTOS

A Deus que tudo permite.

A minha família pelo apoio e paciência das muitas ausências em alguns momentos, pois para a realização de sonhos, às vezes é necessário estarmos em conexão com nós mesmos.

Não poderia deixar de agradecer aos meus filhos Caio e Leonardo por terem inspirados a cada dia esse sonho.

A todos os professores que muito me ensinaram permitindo melhorar em meu processo de formação como professora. Em especial, ao professor Manoel Ricardo pela atenção e credibilidade em meu trabalho, pois foram em suas aulas, através das muitas leituras e reflexões que me inquietou a pensar um olhar para a literatura de autorias femininas e a realização da pesquisa aqui entregue com entusiasmo e anseio por novas leituras e novos estudos. Um agradecimento especial, à professora Giselle Sarti, não apenas por ter aceitado compor minha banca, mas por ter me ensinado que o espaço acadêmico tem espaço de escuta para as minhas palavras que por vezes angustiadas diante as nossas mazelas educacionais, soube ouvir, despertando ainda mais a minha paixão pelo ato de educar.

Aos amigos pela força, pelos momentos de alegria e tristeza, por saberem ouvir e dizer o que precisava no momento certo. Em especial as minhas amigas, Vania, Sandra, Amanda e aqueles que por algum momento estivemos juntos, saibam que fizeram dos momentos à UNIRIO tão leves, enriquecedores e inesquecíveis. Com vocês, aprendi, sorri, chorei, tive motivação para não desistir diante as fraquezas. Que possamos nos encontrar pela escola da vida.

A todos que de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui. A caminhada foi longa, difícil, porém gratificante por saber que mais uma etapa foi cumprida.

*"Então, aqui estou eu ... uma menina entre muitas.
Eu falo não apenas por mim, mas por todas as
meninas e meninos. Levanto minha voz não para
gritar, mas para que aqueles que não têm voz
possam ser ouvidos"*

Malala Yousafzai

Resumo

Este estudo fundamenta-se numa metodologia de cunho bibliográfico embasada na obra literária *A Rainha do Ignoto* e de autores como: Tzvetan Todorov, Maurício Blanchot, Constância Lima Duarte, Terezinha Rita Schmidt, entre outros. Mobiliza a partir desses recortes reflexões sobre a temática para a literatura. Tecendo algumas considerações a respeito do espaço literário e o processo histórico percorrido pela mulher na literatura, pois sabemos por pesquisas acadêmicas que as mulheres se destacaram em muitas áreas, mas continuam tendo pouco espaço na Literatura Brasileira. Como bem pensar e ainda nos questionar: quantas mulheres são reconhecidas diante o cenário da literatura canônica? E é por isso que precisamos refletir sobre e mostrar que existem grandes mulheres e grandes obras apagadas, esquecidas que devem ser viabilizadas, estudadas entre elas a obra *A Rainha do Ignoto* de Emília Freitas. Por fim, tencionamos abordar sucintamente a biografia de Emília Freitas buscando trazer breve análise da sua obra destacando a relevância e a singularidade dessa grande escritora cearense.

Palavras-chaves: Literatura, Espaço Literário, Autoria Feminina, Cânone, Emília Freitas.

Abstract

This study is based on a bibliographic methodology based on the literary work *A Rainha do Ignoto* and authors such as: Tzvetan Todorov, Mauricio Blanchot, Constancia Lima Duarte, Teresinha Rita Schmidt, among others. The objective is to reflect on the theme for literature from these clippings. Weaving some considerations about the literary space and the historical process traversed by women in literature, as we know that women stand out in many areas, but still have little space in Brazilian Literature. How to think and women are recognized on the scene of canonical literature? And that's why we need to reflect on and show that there are great women and their Works forgotten and erased from history that must be made viable, studying among them the work *A Rainha do Ignoto* by Emília Freitas. Finally, this paper aims to briefly address the biography of Emília Freitas, seeking to bring a brief analysis of her work highlighting the relevance and uniqueness of this writer from Ceará.

Keywords: Literature, Literary Space, Female authorship, Canon, Emília Freitas.

Sumário

Introdução	09
1. O espaço literário e a invisibilidade da escrita feminina	11
1.1 Representatividade, empoderamento e a busca por visibilidade	14
1.2 Movimento feminista e a ficção de autoria feminina	16
1.3 Literatura canônica e a pluralidade feminina	21
2. Revisando o cânone e a Literatura fantástica	23
3. Uma escritora quase ignota na contemporaneidade	26
3.1 O apagamento de Emília Freitas	28
3.2 - O fantástico na Rainha do Ignoto.	30
4. Considerações Finais	35
Referências Bibliográficas	37

Introdução

Sabemos por pesquisas acadêmicas que as mulheres se destacaram em muitas áreas, mas continuam tendo pouco espaço na Literatura Brasileira e é por isso que precisamos refletir sobre e mostrar que existem grandes mulheres e grandes obras apagadas, esquecidas que devem ser viabilizadas, estudadas, pois precisamos ir além dos cânones literários.

A proposta aqui a ser analisada está voltada a refletir sobre que espaço literário tem sido contemplado pelo gênero feminino perante o percurso histórico, político de mulheres como Emília Freitas que, mesmo esquecida, contribui para o processo intelectual do nosso país e que mesmo com obras escritas no século passado suas produções nos fazem refletir o presente, o agora.

Pretende-se trazer uma breve análise sobre a representatividade e empoderamento da mulher na literatura como também pensar o movimento feminista e a autoria literária perante a importância do cânone para a literatura no contexto da literatura fantástica.

A pesquisa tem fundamentação numa metodologia de cunho bibliográfico embasada na obra literária *A Rainha do Ignoto* e de autores como: Tzvetan Todorov, Maurice Blanchot, Constância Lima Duarte, Teresinha Rita Schmidt, bell hooks entre outros. Como método bibliográfico, a pesquisa permitirá perpassar o olhar sobre a vida e obra de Emília Freitas, dando foco a sua principal obra, *A Rainha do Ignoto*.

O presente trabalho foi dividido em três partes com intento de proporcionar ao leitor, ainda que esse não tenha conhecimento prévio sobre a temática, ferramentas para compreensão do tema e uma posterior reflexão da questão aqui abordada. Assim, o primeiro capítulo propõe uma análise sobre o espaço literário e a invisibilidade feminina diante das facetas de uma sociedade patriarcal vigente, até meados do século XIX, ou ainda presente na atual sociedade. O segundo capítulo, por sua vez, contempla revisarmos o cânone e a literatura fantástica, pois a questão do cânone é uma temática que não se encerra no meio crítico da literatura, principalmente quando se questiona obras tão ricas e renegadas. Tendo em vista, o último capítulo intitulado *Uma escritora quase ignota na contemporaneidade*. Vamos conhecer um pouco da biografia de Emília Freitas. Como bem ponderar brevemente sobre o apagamento da escritora diante a uma autoria fantástica que se revela em sua maravilhosa obra *A Rainha do Ignoto*, primeiro romance de literatura fantástica escrita por uma mulher que nos revela um enredo

repleto de temas relacionados a questões sociais e políticas. Temas como escravidão, preconceitos, discriminação entre gêneros, principalmente em relação ao sofrimento vivenciados pelas mulheres como violência doméstica entre outros. A obra de Emília Freitas precisa adentrar nos espaços de nossas salas de aulas, pois ainda por muitos professores e alunos é desconhecida. Por isso a importância desse trabalho desencadear reflexões a respeito da escrita de autoria feminina em especial a de Emília Freitas entendendo a importância para novos saberes na literatura.

1- O espaço literário e a invisibilidade da escrita feminina

“Meu livro não tem padrinho, assim como não teve molde. [...]É, antes, a cogitação íntima de um espírito observador e concentrado, que (dentro dos limites de sua ignorância) procurou, em uma coleção de fatos triviais, estudar a alma da mulher, sempre sensível e muitas vezes fantasiosa.”
(FREITAS, 2019 pág.7)

O processo de escrita feminina é algo recente diante o cenário literário, haja vista que por muito tempo mulheres escreviam menos, pois também não nos esqueçamos que esse gênero sofria limitações, ou seja, as mulheres não dispunham de liberdade, educação e não participavam da vida política. O espaço literário de escrita e autoria feminina só foi possível a partir do momento em que primeiramente a mulher conquistou seu espaço e direito à educação. Nader (2014 p.13) afirma em subtítulo “Os estudos de gênero e a história” que a aceitação e a submissão da mulher á dominação masculina permeada por uma ideologia patriarcal promoveu a marginalização e o obscurantismo da mulher na história ao longo do século XX, porém as discussões e diversas pesquisas se acirraram em favor a denunciar as várias violências de abuso que sofriam por parte dos homens. As mulheres só passam a ter voz quando conquistaram o direito à educação. O ato de ler foi a libertação para que, além de leitoras, ganhassem o poder da escrita, adentrando no espaço da literatura.

Rossini (2016, p.2) ao dissertar sobre a construção do feminino na literatura representando a diferença relata que a consolidação da literatura de autoria feminina inicia-se timidamente em meados do século XIX, as mulheres eram consideradas inferiores aos homens, não só culturalmente, como bem no espaço social, histórico e político. A política do patriarcalismo exaltava a incapacidade intelectual da mulher, além de neutralizar sua cidadania e o direito de se construírem como pessoas participativas e ativas perante a sociedade. Só em meados do século XX, surgem ações valorativas de conscientização em prol de desconstruir a opressão e marginalização feminina construídas ao longo da história.

As primeiras mulheres leitoras e escritoras no século XIX, podemos considerar como verdadeiras guerreiras, mulheres corajosas e ousadas, pois, para a sociedade da

época, elas deveriam ser invisíveis, pois não necessitavam saber ler e muito menos escrever, como bem nos relata Duarte (2003), citada por ALBUQUERQUE (2019), que ressalta: “quando começa o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua grande maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural Urgia levantar a primeira bandeira, que não podia ser outra senão o direito básico de aprender a ler e a escrever.” (ALBUQUERQUE, 2019, pag.16).

Aos poucos, as mulheres foram saindo da invisibilidade e foram ganhando espaço, saindo da clausura para o mundo das letras e, foi ao longo do século XX, que suas escritas ganharam força e puderam ser consideradas um contra discurso, em sentido de deslocamento dos paradigmas machistas da época. Passam a almejar por representatividade feminina, seu lugar de fala, valorizando suas leituras e suas produções. Há uma transgressão, como bem nos fala bell hooks, em seu livro Ensinando a transgredir - a educação como prática da liberdade. A autora supracitada afirma que, com sua experiência pessoal, como pessoa negra cercada por ensinamentos eurocêntricos é que pode aprender a olhar o mundo de um ponto de vista crítico que leva em conta a raça, o sexo e a classe social. O ato de escrever era seu anseio e glória pessoal. (HOOKS, 2013. pág. 60,61).

As mulheres silenciadas e marginalizadas se viram encorajadas no espaço literário, lançando reflexões a respeito dos discursos hegemônicos, desmascarando a naturalização hierárquica de gênero, como também repensando sobre o cânone literário. (ROSSINI, 2016). Para Castanheira (2011), a mulher, antes mesmo de se encontrar no espaço de escrita, precisou redefinir seu lugar como sujeito cultural, desmistificando as ideologias sob os discursos do autoritarismo e do olhar masculino da exclusão. Como escritoras e intelectuais, inspiradas nos movimentos de emancipação feminina, buscaram consolidar os direitos que lhes foram tirados, em especial, o de participação ativa ao lado dos homens perante processos políticos e sociais.

Santos (2019), em seu artigo: *Ensaiai a escrita, escrever a vida: Sylvia Molloy entre o romance, o ensaio e o relato autobiográfico*, ressalta que “um romance sobre relacionamento lésbico, trata-se da história da escrita de um sujeito que a todo momento se interroga sobre os limites e possibilidades da própria letra, que sabe que está se construindo como sujeito à medida que escreve e que se narra.” A escrita crítica de Molloy corrobora as transformações sociais e culturais que a sociedade, já em meados do século XIX, vinha sofrendo. Ser escritora e ainda mulher lésbica era lutar por seu lugar perante a sociedade e estabelecer uma autoria que marca sua vida e suas

preocupações, questionamentos, medos e angústias. Fazer parte do espaço literário era romper paradigmas. Para Blanchot (1987), um escritor, ensaísta, romancista e crítico de literatura, a literatura é múltipla, pois contesta a verdade estabelecida no meio social em favor da ambiguidade diante de seu espaço discursivo. Ressalta que, no espaço literário, existe, além da palavra em si, a palavra literária, que tem por referente o próprio espaço de elaboração textual. Dessa maneira a palavra literária não se faz um referencial do mundo, todavia constitui-se do seu próprio espaço discursivo.

Em decorrência da busca por esse espaço literário que grandes mulheres e escritoras ganham forças e se consolidam perante a sociedade determinando seu lugar de posição e de discurso, buscando por igualdade, visibilidade e confirmando grandes obras autorais, que anteriormente apagadas, agora projetadas por suas vozes como grito de liberdade e expressão pelos estigmas sociais vividos e ainda presentes em nossa sociedade. Trilhando a concepção crítica e reflexiva no contexto da pesquisa aqui abordada, chamo a atenção para a obra *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, que será um dos focos analisados neste trabalho e cuja primeira edição é datada de 1899 e recentemente relançada, em comemoração aos 120 anos da primeira obra de ficção fantástica escrita por uma brasileira.

Freitas, a partir da sua obra, nos mostra a força da mulher e sua capacidade em busca pela liberdade masculina. Restauração da mulher e a coragem da escritora em trazer questões tão relevantes em uma época em que discutir problemas de gênero ainda era algo silenciado. Nesse sentido, faz-se necessário e relevante pensarmos sobre essa grande escritora cearense Emília Freitas que, durante anos, fora esquecida e marginalizada; sua obra, **A Rainha do Ignoto**, é uma das produções pioneiras da literatura sobrenatural e propõe reflexão não somente de cunho feminista, mas também se coloca a questão “para que serve o cânone literário”, e onde se encontra a representação feminina e sua visibilidade perante tantos autores consagrados que, em sua maioria, são do sexo masculino? Discorreremos mais adiante sobre esses aspectos, pois é preciso entendermos que ainda hoje as instituições continuam a controlar o cânone literário.

1.1- Representatividade, empoderamento e a busca por visibilidade

Para Oliveira (2017), discorrer sobre a temática da mulher na literatura é falar sobre esse sujeito englobado na literatura como autoras, personagens que se inserem diante dos espaços sociais, políticos e culturais, entretanto, não é algo fácil, pois cada um desses lugares é representativo para a ação feminina pelo resgate e reconhecimento diante das facetas de uma sociedade patriarcal. Assim, perceber as peculiaridades de cada espaço e suas produções é resgatar de forma significativa a presença feminina. Prof. Dra. Lúcia Zolin (2010), com objetivo de refletir acerca da literatura de autoria feminina, produzida no contexto da pós-modernidade, constata que o direito ao discurso se torna um referencial que garante o poder de fala perante o lugar que se ocupa na sociedade, diante dos julgamentos da classe (social, étnica, gênero) em que se está inserido. Pensar no campo do gênero feminino é salientar que as manifestações literárias de autorias femininas são recentes; até então, o poder do discurso era do sexo masculino, branco e de classe média alta, e as representações eram exclusivamente desse grupo, silenciando e inviabilizando as falas feministas.

A referida autora afirma, em seu artigo publicado pela revista de estudos literários, que o conceito foucaultiano de discurso, relacionado com o desejo e com o poder, favoreceu a identificação de como as verdades são estabelecidas. E contribui também com a crítica literária, no sentido de investigação entre os espaços reais e ficcionais, refletindo, dessa maneira, a representação dos seres e das coisas através da linguagem. Rossini (2016) assevera que o conceito de representação no campo literário feminino possibilitou também a perspectivas sociais no cânone literário, descortinando o terreno literário masculino, permitindo a inclusão de vozes antes marginalizadas para representatividade literária de vozes de mulheres de forma legítima. Essas vozes ganham narrativas que empoderam e trazem identidades que se deslocam dos paradigmas tradicionais apresentados às mulheres.

Essas identidades e representatividade, a partir das produções literárias, ganham novo sentido, conduzidos em tecituras que buscam revelar as diversidades sociais, e, em especial, identidades femininas antipatriarcalistas. (ZOLIN,2010). Com o passar do tempo as produções literárias femininas ganham força e passam a difundir uma categoria de gênero anteriormente subjugada, agora sinalizam escritas de atitudes

subversivas em relação aos estados de coisas, como bem nos transporta a literatura da escritora Sylvia Molloy. Santos (2019) revela sobre a autora supracitada que:

A produção crítica e teórica de Sylvia Molloy insere-se no contexto das grandes transformações sociais e culturais que marcam a segunda metade do século XX. Para uma mulher lésbica, trilingue, que havia deixado a terra natal no final dos anos 1950 para estudar em Paris e, no final dos anos 1960, começava a se estabelecer profissionalmente nos EUA, o gênero ensaio parece ter sido a melhor forma de expressão para os múltiplos deslocamentos que marcam sua vida e suas preocupações teóricas. O mesmo podemos dizer da autobiografia, gênero que para ela é, simultaneamente, objeto de reflexão e meio de expressão. (SANTOS, 2019.p.3)

Essa escrita feminina salienta que, quando novas vozes reluzem e expressam o que pensam, novas histórias são produzidas e um novo mundo se abre. Muitas mulheres tiveram coragem, outras o apoio da família, outras tiveram que romper consigo mesmas e com valores religiosos e sociais para buscarem a liberdade. É a partir do século XIX, com movimento literário do Romantismo, que as mulheres atuam, mesmo que de modo tímido, porém, com o advento do Realismo e do Naturalismo e do espírito cientificista é que a escola literária feminina ganhou força no país. Dentre as escritoras que se destacaram está Emília Freitas, com *A Rainha do Ignoto*. A autora é reconhecida como a “poetisa dos escravos”, pois pronunciou diversos discursos para a recém-criada sociedade abolicionista. (MOURA; CASTRO, 2019).

Diante descrição aqui realizada, podemos perceber que a busca por visibilidade e empoderamento em relação ao gênero feminino não é algo presente, já era referenciado no passado por mulheres como Emília Freitas, que, de algum modo, já buscavam lutar por igualdade. Freitas (2020) salienta que o empoderamento feminino compreende o meio e o instrumento para e o fim em si mesmo, ou seja, é a ruptura da dominação e da subordinação sofrida por alguém, que consiste no processo de libertação da mulher das amarras opressoras. Para Albuquerque (2019), a escrita da mulher empodera e liberta. O ato de escrita possibilitou mulheres se afirmarem no mundo como seres pensantes e também sujeitos que desejam ser ouvidas e lidas. Muitas tiveram suas obras recém conhecidas ou até mesmo invisibilizadas. Reivindicar o espaço literário é sair do espaço opressor e mostrar o quanto as mulheres podem se desenvolver e serem protagonistas e autoras de suas histórias. E se nos perguntarmos se existiram mulheres escritoras, empoderadas e tão atuais em outro século, poderemos dizer que sim. Como é a obra de Emília Freitas que nos presenteia com seu romance ousado para a época que fora

escrito, mas com temas relevantes como escravidão, religiosidade, questões de gênero em uma literatura fantástica. Como bem corrobora a professora Rita Teresinha Schmidt (2006):

A razão de os romances terem sido esquecidos pelas histórias literárias e de serem, hoje, considerados como objeto de interesse apenas para uma minoria de feministas comprometidas com a recuperação das vozes das mulheres no campo da produção literária do passado deve-se ao fato de a cultura letrada se recusar a atribuir qualquer valor, reservando-lhes o status de “literatura menor”, para não dizer irrelevante, sob a alegação de que são textos que não interferiram no sistema, uma atitude altamente reveladora da cumplicidade da cultura letrada com o modo de pensar- de fazer- da classe dominante.” (SCHMIDT, 2006. p. 777 apud ALBUQUERQUE, 2019. p.31)

A busca pela visibilidade e o reconhecimento de autoras como Emília Freitas, dentre outras, é uma constante, pois seus escritos representam novos conhecimentos literários, sejam para quem escreve, sejam para os leitores, pois suas narrativas mexem com as estruturas consideradas intransponíveis na sociedade, incomodam por revelarem, mediante suas poesias, as mazelas sociais vigentes, trazendo um olhar crítico perante novas literaturas. Pimentel (2012) discorre que, para Blanchot, é preciso que o autor abandone os conceitos apreendidos no mundo social para que se adentre ao espaço literário, pois o espaço literário é subordinado a regras. Segundo a compreensão blanchotiana: “A arte literária é ambígua. Isto significa que nenhuma das suas exigências pode excluir a exigência oposta, e sim que, ao contrário, quanto mais elas se opõem, mais se atraem.” (BLANCHOT, 1997, p. 188). E essa ambiguidade possibilitou o reconhecimento de grandes escritoras e suas obras. A produção literária feminina, historicamente invisibilizada, vem ganhando espaço, voz, em relação ao que à representação de identidades. Através da leitura e do poder da escrita, mulheres como Emília Freitas podem ser consideradas grandes, pois retratam em suas obras suas vivências, suas escolhas.

1.2- O movimento feminista e a ficção de autoria feminina

De acordo com o dicionário, *feminismo* se refere ao movimento em prol dos direitos da mulher e da igualdade de gêneros. bell hooks, em seu livro “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras” nos confere reflexões pertinentes para pensarmos sobre o movimento feminista e a necessidade de dialogarmos de forma a

atuarmos na literatura como pessoas engajadas a compreender o pensamento e as políticas feministas de modo a produzirmos uma escrita que seja vasta em estilos e formatos. Para hooks

Contribuições feministas construtivas para o bem-estar de nossas comunidades e da sociedade são frequentemente apropriadas pela cultura dominante, que então projeta representações negativas do feminismo. A maioria das pessoas não tem conhecimento da miríade de maneiras que o feminismo mudou positivamente nossa vida. Compartilhar pensamentos e práticas feministas sustenta o movimento feminista. O conhecimento sobre o feminismo é para todo mundo. (HOOKS, 2018.p.38)

Constância Lima Duarte, em seu artigo *Feminismo e literatura no Brasil (2003)*, aponta para reflexões sobre o movimento feminista e o percurso das mulheres na literatura brasileira, pontuando, a partir de suas obras, a interiorização da perspectiva feminista, sua inserção na prática literária e a historização do conceito feminista. De acordo com a pesquisadora, a palavra “feminismo” atravessa entre nós certa resistência, mas sabemos que foi um movimento legítimo e transformador na relação entre homens e mulheres. Seus movimentos constatam-se de grandes bandeiras que se rebelaram na sociedade como exemplo o direito da mulher de frequentar a universidade, direito de escolha, receber salários iguais, mas tudo já foi utópico, e, que nos dias de hoje, ninguém imagina ser diferente. Porém, no olhar da autora, o movimento feminista conquistou vitórias, porém derrotas, quanto ao preconceito da palavra que não fez ser motivo de orgulho para a maioria das mulheres que, provavelmente, tiveram medo de serem rejeitadas, malvistas, como muitas de nossas escritoras, intelectuais que recusam o título de feminista.

Duarte também destaca que uma das derrotas do feminismo é não fazer com que as novas gerações conheçam sobre as histórias de suas conquistas, a luta das mulheres pioneiras, que denunciavam a discriminação e acreditavam ser possível obter uma relação justa entre os sexos. Grossel (2022), em pesquisa a respeito dos papéis ocupados historicamente pelas mulheres, através da análise de obras, discorre que a luta por respeito às diferenças, desde os primórdios de nossa história, já inseridas nas peças teatrais de Eurípedes, as troianas e Medeia, tratam sobre a consciência a respeito da condição da mulher e, ainda hoje, se perpetua, diante de obstáculos e resistência em uma sociedade patriarcal opressora, sexista e ditadora de padrões. Ser mulher, na atual conjuntura, ainda significa sofrer discriminações e violência.

Os movimentos feministas futuros precisam pensar uma educação feminista como algo para a vida, pois ainda não temos escolas fundamentadas nos princípios feministas. A criação do movimento educacional permitirá uma manobra da massa patriarcal, além de favorecer uma aprendizagem significativa sobre a teoria feminista, que alcance além da palavra acadêmica, até mesmo a palavra escrita. “Quando o movimento feminista contemporâneo estava em seu ápice, tendências sexistas em livros infantis eram criticadas. Escreviam-se livros “para crianças livres”. Quando deixamos de ser críticos e atentos, o sexismo voltou a aparecer” (HOOKS,2018 p.37).

Constância Lima Duarte (2003), confirma que, se a história do feminismo não é conhecida, tampouco é contada e sugere quatro momentos áureos na história do feminismo brasileiro, que denominou de “ondas”, que tiveram visibilidade em torno dos anos de 1830,1870, 1920 e 1970. A autora ratifica que foram necessários cinquenta anos entre uma e outra para permitir que pequenos movimentos de mulheres tivessem forças e fossem capazes de romper as rupturas da intolerância e abrir novos horizontes. E dentre cada momento-onda se identificam escritoras feministas.

No primeiro momento destacam-se as primeiras letras, ou seja, o movimento não podia ser diferente buscava-se o direito básico de aprender a ler e escrever. A grande escritora que se destaca é Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885). É uma das primeiras escritoras a romper os limites do espaço privado e a publicar seus textos em jornais. Seu primeiro livro, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, é também o primeiro no Brasil a retratar os direitos da mulher à instrução e ao trabalho, exigindo respeito. Nísia Floresta, apesar de pouca idade, demonstra ter consciência da defasagem cultural, social e política entre o que ocorria aqui e na Europa. Enquanto na Europa se criticava uma educação já presente, nós ainda nos esbarrávamos em questões primárias cercadas de preconceitos. E afirma que as mulheres brasileiras precisam ser consideradas seres pensantes.

O segundo momento-onda surge por volta de 1870, e se concretiza por imensos números de jornais e revistas de feição feminista, editados por todo o país. Dentre os destaques, tem-se O sexo feminino, dirigido pela incansável Francisca Senhorinha da Mota Diniz, que, em seus artigos, alertava mulheres sobre seu “grande inimigo”, a “ignorância de seus direitos”, que a ciência dos homens” se encarregava de manter. Só a instrução fará com que as cadeias remotas dos séculos sejam quebradas do obscurantismo que se rodeia na sociedade.

Terceiro momento onde inicia-se por movimentação inédita, quando mulheres clamam pelo direito ao voto, a entrada na universidade, a ampliação no trabalho, pois não queriam apenas ser professoras, mas adentrar em todos os ramos sociais. Muitas mulheres se destacaram, dentre elas Bertha Luiz (1894-1976), líder na campanha pelo voto feminino e igualdade de direitos com seus incansáveis textos publicados na Revista da semana, em 1918. Maria Lacerda de Moura (1887 - 1945) iniciara a luta pela “libertação total da mulher” na publicação de *Em torno da educação*, em 1908, em que reafirma que a instrução é fator indispensável para a transformação das mulheres. Outra grande escritora fora Ercília Nogueira Cobra (1891- 1938), que na imponente Semana de Arte Moderna lança seu livro, *Virgindade inútil - novela de uma revoltada* (1922), abrindo grande polêmica, discutindo a exploração sexual e trabalhista da mulher, o que provocou intenso debate e crítica entre os contemporâneos. Não esqueçamos de Gilka Machado (1893-1980), que, em 1918 publica o livro de poemas eróticos - *Meu glorioso pecado* sendo considerado um escândalo, porém promoveu grandes rupturas nos paradigmas masculinos dominantes contribuindo para a emancipação da sexualidade feminina.

E o que dizer de Raquel de Queiroz, um dos grandes nomes da nossa literatura brasileira. Como as demais mulheres, Raquel esteve na vanguarda de sua época, ao adentrar o mundo das letras, nas redações dos jornais e na célula partidária campo estreitamente masculino. Seu romance, *O quinze*, estreado em 1930 deflagra o drama dos flagelados e das questões sociais, trazendo impacto nos meios literários. Mesmo a escritora não se considerando feminista, pois relata que “*a sociedade tem que crescer todos juntos e a associação homem e mulher é muito boa e é um grande erro combater o homem. O homem foi feito para servir a mulher mesmo. Nunca fui feminista e sempre discordei das feministas*”, afirmativas da própria escritora em entrevista ao Programa Roda Viva, de indagações controversas a respeito da temática, é interessante pensarmos no poder da sua escrita, que a levou a ser a primeira mulher eleita pela Academia Brasileira de Letras.

Em 1887, também se destaca a revista A Quinzena, com a participação feminina de Francisca Clotilde, educadora da escola normal do Ceará, a que publica “A educação moral das crianças na escola”, entretanto, apesar dos seus textos serem assinados, não há registro na página dos periódicos. Autora também do romance *A divorciada* (1902), o título, apesar de remeter à evocação à luta feminista, não é uma obra que traz a bandeira para o ativismo político. Chama a atenção que, por mais que a mulher tente se

posicionar através de movimentos por todo o país, percebemos a tentativa de um apagamento, que Constância Lima Duarte chama de “memoricídio”, ou seja, o que denomina apagamento das produções artísticas e científicas de autoria feminina (MOURA & CASTRO, 2019).

Nesse contexto, é notório o que nos afirma Zolin (2010, p.12),

a literatura de mulheres, historicamente marginalizada, vem ganhando espaço e veiculando uma voz dissonante em relação a esse estado de coisas, sobretudo no que se refere a representações de identidades femininas que, em boa escala, já podem ser consideradas representativas do conjunto das diversas perspectivas sociais das mulheres.

O quarto momento ainda retratado por Constância Lima Duarte se define por alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas. 1975 torna-se o Ano Internacional da Mulher, encontros, congressos de mulheres ocorrem em prol de metas para eliminar discriminações. O 8 de março é declarado como Dia Internacional da Mulher pela ONU. Pelo mundo, muitas mulheres estavam unidas contra a discriminação do sexo e por igualdade de direitos, aqui, nossa composição histórica posiciona a mulher também a reivindicar melhores condições de vida e contra a ditadura militar e a censura, por redemocratização, além de, também, debaterem sobre a sexualidade, o direito ao prazer e ao aborto. Surge, também, em 1975, a imprensa coordenada por mulheres e é fundado o jornal Brasil mulher, recém-criado pelo Movimento Feminino pela Anistia e, em 1970, o periódico “nós mulheres” que, se assume como feminista e vai circular por três anos.

Na literatura, algumas escritoras se posicionam e, dentre elas, está Nélide Piñon, que participou da redação do Manifesto dos 1000 contra a censura e a favor da democracia no Brasil. A escritora lança o livro *Sala de armas*, composto de contos, em 1981, e é a primeira mulher a tomar posse da Academia de Letras e, apenas recentemente, declarou-se feminista. Mesmo sendo notórias tantas conquistas nos inúmeros campos do conhecimento e da vida social e literária, ainda persistem arraigados nichos patriarcais de resistência em todas as esferas sociais. hooks (2018) ratifica que a maioria das mulheres já sabe sobre o movimento e que o trabalho não iria necessariamente trazer liberdade, porém esse fato não muda a realidade da autossuficiência econômica tão necessária para libertar as mulheres.

Dessa maneira, é urgente que encorajemos movimentos que evidenciem a atuação da mulher, seus anseios, resistência, o direito de fala, pois, enquanto persistir a

violência, a intolerância, será preciso a participação de todas nas lutas, mesmo que minoritárias, como agentes de transformação. E será através do conhecimento, da literatura, que poderemos almejar mudanças.

1.3- Literatura canônica e a pluralidade feminina

De acordo com Ribeiro (2018 p.32), em pesquisa a respeito do cânone literário e o lugar das mulheres na literatura, a palavra cânone é advinda do grego KÁNON e do latim CANON, e está atrelada a uma regra de sentido específico, modelado por escritos masculinos e por pouca autoria feminina que ao longo do tempo tem se modificado. E por essas regras propostas surgem algumas indagações: O que faz uma obra ser tornar clássica? O que consolida um livro ser renomado mais que outro? Quantos cânones femininos são hoje lembrados? E ainda podemos nos questionar: quantas mulheres são reconhecidas diante desses cenários da literatura canônica? São perguntas que, por vezes ainda não temos respostas, diante de um cenário que, por longo tempo, estava apenas delegado ao sexo masculino, pois as mulheres que se adentravam pela literatura eram negligenciadas e muitas, para serem respeitadas, ouvidas e lidas, necessitavam de pseudônimos para assinarem suas obras, conforme afirma (TELLES; SHARPE, 2012, p.431 apud GIMENES, 2019).

No início do século, foi comum escritoras adotarem, um pseudônimo para encobrirem a identidade, para serem aceitas pelo público. Nas últimas décadas a adoção do pseudônimo passa a ter outra conotação, começa a ser usado como palavra de poder, marca de um batismo privado para o nascimento de um segundo eu, um nascimento para a primazia da linguagem que assinala o surgimento da escritora.

Tais indagações expostas nos remetem à necessidade de revermos a literatura canônica, principalmente, a que invisibiliza as mulheres na literatura. Para Muzart apud Ribeiro (2018), resgatar as obras de autoras esquecidas é mostrar que, apesar da história ausentar essas escritoras, elas estiveram presentes e atuantes em sua época e cabe a nós esse reconhecimento. Mulheres escreviam obras que permaneciam desconhecidas e postas à margem na edificação canônica, não só no Brasil, mas por o todo mundo, por diversos fatores. Para Schimidt (2012), as recentes reflexões sobre a historicidade literária passam pela necessidade da compreensão da instituição literária e do papel da

instância reguladora, pois não só define o literário, bem como os procedimentos de seleção e ordenamento de suas narrativas perante a história, os discursos e interpretações que legitimam a formação dos cânones literários nacionais.

A autora nos transporta a duas proposições que, para ela, implicam impasse na literatura, que acaba por tecer debate em torno do cânone literário. A primeira refere-se à globalização, vista como resultado do capitalismo avançado e de políticas neoliberais que provocam a perda da cultura e seus referenciais, adentrando ao que se tem denominado nova barbárie, a sociedade do espetáculo, em que a arte é mercadoria. A segunda são os abalos provocados pela expansão da teoria, inovações radicais nos modos de pensar a constituição de saberes e poderes, levando a pensarmos sobre as relações da literatura com a sociedade e a cultura. Nessa conjuntura, a arte e a cultura articulam-se à resistência, aos discursos centralizadores do sujeito, da raça, do gênero, da classe, e suas margens invisíveis.

Em 1897 é instituída a Academia Brasileira de Letras, que, a princípio contou com membros masculinos, a não aceitação da mulher constitui um fator de exclusão feminina do cânone brasileiro. Para Rago (RAGO, 1995, p.82 apud RIBEIRO, 2018), historiadora brasileira, foi ao longo da década de 80 que emergiram as preocupações sobre estudos das produções acadêmicas voltados às mulheres diante as mudanças que se viam na sociedade, em que as mulheres vinham se mostrando mais atuantes. Hoje, a Academia tem se preocupado em trazer à tona o que era anteriormente ignorado, o resgate de obras de diversas autorias femininas, porém ainda precisamos lembrar de escritoras que poderiam e devem ter suas produções conhecidas pelo mundo literário (RIBEIRO, 2018).

É preciso questionar esse apagamento de mulheres escritoras, pois se faz necessário resgatar essa escrita, de modo a incluirmos essas mulheres autoras na história da literatura brasileira. Para a Doutora em educação Olíria Mendes Gimenes (2019), em estudo sobre a produção literária de escrita feminina, um dos pontos de representação cultural da mulher é justamente o fato de que, durante muito tempo, se relegou à submissão, a escrita-literária e documental. Eram frequentes obras canônicas que relatavam a submissão da mulher perante a sociedade, afinal, o modelo patriarcal mostrava a inferioridade do sexo feminino, motivo de preocupação para as mulheres da época. A autora enfatiza que vários autores em suas obras revelam a mulher apenas como objeto manipulável pelo homem, até mesmo em documentos oficiais, a mulher aparece como propulsora de ação que merecesse reconhecimento, mas os grandes feitos

e realizações eram dados ao sexo masculino, a mulher era invisível, e no Brasil, o cenário era ainda pior. Enquanto as mulheres no mundo se comunicavam, por cartas, salões, a mulher brasileira estava enclausurada em casa, não sabia ler, nem escrever, vivia na servidão e em condições mais difíceis do que as mulheres dos demais países.

Aos poucos, a postura da mulher foi sendo transformada com a mesma intensidade dos moldes europeus, pois começaram a perceber a necessidade de se expressarem e repensarem suas questões, inclusive suas leituras e escritas. Inseridas em escritas ficcionais e em obras, como as de Machado de Assis, a mulher passa a ser retratada na literatura, de modo a afirmar e confirmar outros ideais e, de personagem, passou à escritora, revolucionando a sociedade e, por meio da literatura, a mulher foi se redefinindo e escrevendo sua história sem medos, anseios (GIMENES, 2019). Albuquerque (2019) ressalta que a literatura canônica é reconhecida e essencial a todo leitor. A escolha do que se define como cânone também perpassa pelo critério do ponto de vista do leitor, portanto, a reflexão sobre a leitura de autoras clássicas faz-se necessária, considerando as mulheres como pioneiras na arte da escrita e na proposição de ideias para além do seu tempo, esquecidas. Ler e ter acesso a essas obras literárias é uma forma de reconhecer a história, identidades dessas mulheres, principalmente mulheres como Emília Freitas, dentre tantas outras desconhecidas até então.

No Brasil, o descobrimento de acervos de obras literárias esquecidas em bibliotecas públicas e particulares tem gerado discussões acirradas sobre o controle da instituição e a violência que se sistematiza nas narrativas das histórias da literatura que se mantem invisível, como se a autoria feminina não tivesse existido. Nesse sentido vê-se a importância da produção literária de autoria feminina, pois suas obras são de grande contribuição para pensarmos a respeito das instituições de controle, o meio em que vivemos, porque a arte literária não pode ser definida pelo sexo, mas pelas riquezas de experiências de cada indivíduo.

2- Revisando o cânone e a Literatura fantástica

Mestra em literatura brasileira, Ana Cristina Caminha Viana Lopes (2018) revela, em pesquisas, que os estudos da literatura fantástica vêm crescendo nas últimas décadas, tendo suas escritas no final do século XVIII, mas muitas obras nesse gênero acabam por ficar desconhecidas, não pelo seu valor, mas por critérios preconceituosos como: raça,

sexo, classe social ou até mesmo, pela localização geográfica do autor, por serem de regiões consideradas menos privilegiadas, como temos a obra *A Rainha do Ignoto*, da escritora cearense Emília Freitas. Levando em consideração a questão do cânone literário, como bem vem sendo discutida, é uma temática que não se encerra no meio crítico da literatura, principalmente quando se questiona sobre obras tão ricas e renegadas.

A pesquisadora Zahid Muzart vem discutindo há algum tempo sobre os excluídos do cânone, sendo seu recorte principal a exclusão feminina no século XIX. A autora afirma que pouquíssimas obras de autoria feminina foram publicadas e não havia valorização dessas obras, segundo Lopes, em afirmação a Muzart, não se trata de excluir do cânone autores já consagrados, porém, necessariamente, precisam se incluir novas obras, autores que, por vezes, não são selecionados por motivos extrínsecos. Em sua pesquisa, Muzart já aponta que, atualmente, vem ocorrendo um resgate de obras esquecidas, inclusive de autorias femininas.

Pensando mais a respeito dessas autorias esquecidas, mas que já vêm sendo resgatadas, é que vamos adentrar no gênero da literatura fantástica, objeto de estudo dos críticos na Europa desde a metade do século XIX, trazendo até então a obscura obra de Emília Freitas, em *A Rainha do Ignoto*, obra em que a autora se utilizou do gênero fantástico para criticar a sociedade da época. A literatura fantástica, gênero cujo cânone se encontra em construção, principalmente ainda aqui no Brasil, é pautada pela presença do sobrenatural. De acordo com Todorov (2017 p. 30-31), “o fantástico ocorre na incerteza, ele se encontra num gênero vizinho, o estranho ou maravilhoso, é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural.”

Assim o estranho aqui é visto por acontecimentos incríveis, extraordinários; Já no maravilhoso, estão presentes narrativos inquestionáveis: animais que falam, a magia que acontece tudo é possível. Todorov (2017 p. 48) afirma que “o fantástico leva uma vida cheia de perigos, e pode desvanecer a qualquer instante, ele antes parece se localizar no limite de dois gêneros, o maravilhoso e o estranho, do que ser um gênero autônomo.” Segundo o autor supracitado, o fenômeno sobrenatural emerge no contexto da realidade social de forma que a se compreende.

Nas palavras de Oliveira & Oliveira (2013), as obras de autoria feminina, ao longo do tempo, foram desconhecidas no âmbito da literatura, poucas foram as mulheres que conseguiram adentrar o cânone, pois, com certeza, passaram por

preconceitos, uma vez que esse cânone era e é ainda composto pelo sexo masculino. Salienda que a obra *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, é um resgate, já que, por ora, permaneceu fora de circulação por quase um século. A autora concorda com Muzart que esse resgate não significa que essas obras serão realmente lidas a partir de então, mas, ao menos, as produções dessas autoras femininas invisibilizadas ganhará relevância no espaço literário, uma vez que a crítica não olha para essas autoras e suas obras.

Em pesquisa recente, Barbosa (2021, p.14-15) ressalta que muitas mulheres do século XIX produziram literatura de diversos gêneros literários, contudo muitas não foram publicadas. Todavia, mesmo que a opressão que as escritoras receberam da crítica literária tenha feito que elas fossem esquecidas e ocultadas, há outros vários motivos para que suas obras não tenham sido incluídas nos cânones nacionais. As poetisas tiveram apoio da crítica, porém era aceita somente a escrita de poemas que não fossem considerados ousados para a época, como muitos poetas os escreviam. Neste caso, pode-se compreender um dos possíveis motivos pelos quais o romance *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, não tenha tido um grande olhar da crítica, ele não estava no molde de escrita esperada de uma mulher e, mais do que isso, ainda carregava críticas sobre a posição da mulher na sociedade.

A própria Emília Freitas, no trecho que ela destina ao leitor, afirma:

Meu livro não tem padrinho assim como não teve molde. Tem a feição que lhe é própria sem atrativos emprestados do pedantismo charlatão. Não é tampouco, o conjunto das impressões recebidas nos salões, nos jardins, nos teatros e nas ruas das grandes cidades; porque foi escrito na solidão absoluta das margens do Rio Negro, entre as paredes desguarnecidas de uma escola do subúrbio (FREITAS, 2019 pág.7)

Assim ao se analisar o cânone literário, notam-se vários fatores que levaram Emília Freitas, entre outras escritoras do seu tempo, a terem seus nomes e obras esquecidas, dentre eles, observamos a literatura brasileira formada pelos moldes de uma sociedade burguesa e majoritariamente por homens brancos, na qual a imagem da mulher intelectual e escritora era desvanecida (BARBOSA, 2021). Em estudos recentes, Amaral (2022) revela que, para o fantástico existir, a ficção precisa estar centrada em elementos inexistentes no mundo real, ultrapassando os limites da realidade e afirma baseado nos estudos de Todorov, que, ainda o estranhamento e a falta de compreensão da realidade contida na narrativa é o que origina o fantástico e são muitos

e divergentes os resultados das pesquisas sobre o surgimento desse gênero tão adorado e dúbio. O termo fantástico vem do latim *phantasticus*, cuja etimologia tem sua origem no grego *phantastikós*, que significa fantasia. Alguns estudiosos colocam o nascimento do fantástico entre os séculos XVIII e XIX, tendo sua ascensão ocorrida no século XX.

O gênero teria surgido ainda na idade média e as narrativas míticas, religiosas, fantásticas foram um solo bastante fértil para o seu surgimento. Os romances que exploravam o medo e o susto também tiveram sua parcela de contribuição para que o gênero surgisse. Há estudiosos que afirmaram que os primórdios da literatura fantástica teriam sido no século XVIII, na França. Quando o gênero surgiu, no fim do século XVIII e início do século XIX, ele estava ligado à presença do sobrenatural, como textos com fantasmas, monstros e mortos vivos a exemplo de (Frankenstein obra de Mary Shelley e O Médico e o Monstro obra de Robert Louis Stevenson). O fantástico foi se transformando no decorrer dos séculos, as obras que, antes, estavam relacionadas ao sobrenatural, como: fantasmas, vampiros, mortos andado entre vivos, passam a explorar o psicológico do ser humano, usando, de enredo, temas como alucinações, pesadelos, loucura e outros elementos ligados à mente humana.

Nesse contexto, chamo a atenção para a literatura fantástica, a obra de Emília Freitas, *A Rainha do Ignoto*, que se relaciona ao sobrenatural, que perpassa pelas vertentes da literatura do insólito com o gótico, o maravilhoso e o próprio fantástico e que por muitos ainda é desconhecida. Resgatar parte dessa obra é poder mostrar que apesar da ausência de nomes como o de Emília Freitas na história literária, ela e muitas outras existiram e foram militantes ao seu modo. A proposta aqui estudada é trazer tais escritos, contribuindo para retificar velhas ideias e preconceitos arraigados sobre a ausência da mulher na literatura.

3- Uma escritora quase ignota na contemporaneidade

Segundo a pesquisadora Alcilene Calvalcante, Emília Freitas, nascida em Aracati, no Ceará, em 11 de janeiro de 1855, filha do Tenente Coronel Antônio José de Freitas e de Maria de Jesus Freitas, foi morar em Fortaleza depois da morte de seu pai, em 1869. Então com quatorze anos, pôde estudar francês, inglês, geografia e aritmética numa escola particular, passando depois a frequentar a Escola Normal daquela cidade.

Formando-se no magistério, tornou-se professora no Instituto Benjamin Constant em Manaus, em uma escola secundária para meninos, em 1892, já com trinta e sete anos. Em Manaus, “as margens do Rio Negro”, como a autora mesmo aponta, escreve “A Rainha do Ignoto”. Casa-se em 1900, com Arthunio Vieira, redator do “Jornal de Fortaleza” e regressa ao Ceará, onde se torna cofundadora do grupo espírita “Verdade e Luz” de Maranguape, Ceará, e publica junto ao marido, o jornal espírita Luz e Fé. Em 1901, retorna a Manaus, onde falece em 18 de agosto de 1908. Emília Freitas foi considerada pela crítica uma importante escritora brasileira e pioneira feminista da época em que viveu, diante cenário patriarcal do nordeste brasileiro. Participou ativamente da sociedade abolicionista e, em seu discurso para o jornal O libertador, a escritora deixa claro seu posicionamento a respeito do que a indignava e, para ela, as mulheres têm o dever de cuidar das dores alheias, numa visão obviamente sacralizada sobre a mulher (SILVA, 2010).

Nesse contexto, a autora supracitada discorre sobre a percepção que Emília Freitas tem da mulher como mártir, capaz de todos os sacrifícios pelo bem da humanidade, como bem nos revela em seu romance “A Rainha do Ignoto”. Afinal, a missão da Rainha e de suas paladinas é praticar a caridade pelo país, libertando, inclusive, os escravos que viviam sob o controle de um senhor verdugo. Essa visão da mulher redentora é compartilhada por quase toda a sociedade dos oitocentos, por um lado, imobilizando as mulheres, pois as colocavam em uma espécie de redoma em que poderiam e deveriam sofrer tudo resignadamente, por outro, através da mesma visão, a mulher poderia se defender quando agredida, exercer a atividade da caridade e participar mais ativamente na sociedade.

A autora de “A Rainha do Ignoto” publicou também uma coletânea de poesias intitulada “Canções do Lar”, em 1891, que trazia uma introdução dirigida “Aos Censores”. Há notícias, no dicionário cearense bibliográfico, de Guilherme Studart, da publicação do livro “O Renegado”, mas ainda não há nenhuma referência de que algum exemplar deste livro tenha sido encontrado. Provavelmente repousa adormecido em alguma biblioteca particular. Colabora, ainda, em vários jornais de Fortaleza, como “O Libertador”, “Cearense”, “O Lyrio” e “A Brisa”, escrevendo textos e poesias. Esses escritos comunicavam suas ideias sobre abolição, progresso e educação. Emília Freitas nos permite ler em seus textos que acreditava no poder revolucionário e iluminador da educação. Não por acaso lecionou numa escola em Fortaleza.

Esse é um pequeno retrato do que podemos trazer da autora cearense que, apesar de não ter inaugurado a literatura especulativa no Brasil, por sua vez, foi a pioneira no que se costuma chamar de ficção científica que lida com as questões de direito das mulheres na sociedade, pois era uma das dentre muitas lutas sociais com que a escritora estava envolvida e que norteiam suas obras, como o abolicionismo, o autoritarismo e a desigualdade socioeconômica, as quais ainda permeiam a sociedade atual. Mas a cearense Emília Freitas é uma dentre as muitas escritoras que estiveram no apagamento literário para Silva (2022, p.5),

é um dado recorrente em várias pesquisas sobre autoria feminina, especialmente sobre as escritoras do século XIX brasileiro, o esquecimento ou apagamento de muitas autoras e, por isso, compreendemos que as obras e a biografia de Emília Freitas não estejam acessíveis à grande maioria das leitoras e leitores.

Assim, faz-se necessário entendermos sobre a questão do esquecimento, da interdição e do apagamento, que também serão pontos relevantes para Emília Freitas em sua obra *A Rainha do Ignoto*, como veremos adiante, e pontuar essa discussão teórica iluminará nossa leitura do romance, bem como o processo de “redescoberta” da obra de Freitas e sua contemporaneidade.

3.1 O apagamento de Emília Freitas

É sabido, pela história da literatura brasileira que a escrita e a leitura feminina sofrera muitas exclusões e nunca foi uma prática encorajada, principalmente entre o gênero masculino. Sempre fora destinada aos privilegiados da sociedade, os monárquicos e religiosos, os quais financiaram a elitização, apagamento e a segregação da escrita e da leitura. Foram trágicos os efeitos dessa prática excludente, pelo menos até o século XIX, principalmente os referenciados à leitura feminina, pela desconfiança, proibição e controle; eles selecionavam as leituras consideradas boas, úteis, das leituras proibidas e que poderiam desviar o leitor do bom caminho e da salvação. Destinava-se às leitoras apenas as leituras consideradas boas e o papel de guardião dos bons costumes, da tradição e do ritual familiar (ARAÚJO, 2008)

Saraiva (2017 p.2) traz a afirmativa de que:

a exclusão das mulheres dos espaços públicos impediu-as enquanto coletivo de escrever sobre outros temas que não aqueles de cunho pessoal, como as guerras e as lutas, temas considerados relevantes, somente permitidos aos homens, que detinham o privilégio de desfrutar da vida em sociedade e logo os únicos capazes de escrever sobre os conflitos e as batalhas. Por não ter acesso a muitos dos textos literários, conseqüentemente, as mulheres não poderiam ler outros gêneros textuais e isso influenciava o modo como elas escreviam.

Nesse sentido, vemos o quanto eram silenciadas suas produções, sua inserção na literatura se representava pela visão masculina, os textos que se destinavam a elas traziam a figura da mulher em discurso parcial, machista e controlador do seu modo de viver e agir. Emília Freitas viveu e realizou sua produção literária diante da época descrita de acentuadas características patriarcais, na qual o papel das mulheres era rebaixado a ponto de tudo o que produzissem ser caracterizado como algo menor, e suas atividades permanecerem, em grande parte, restritas ao universo doméstico e à condição de mães e de esposas (OLIVEIRA, 2007).

Barbosa (2021), em pesquisa, sobre o cânone literário e gênero no Brasil oitocentista nos salienta e nos propõe pensarmos nas questões que figuram o apagamento dos escritos de Emília Freitas, já que a autora participou ativamente de movimentos sociais e teve três obras publicadas. A obra em destaque, a Rainha do Ignoto, que teve sua publicação em 1899, somente foi redescoberta em 1980, pelo pesquisador Otacílio Colares. Entretanto, mesmo com sua redescoberta, a autora e a sua obra são desconhecidas por grande parte da população brasileira, e com poucas edições. Como bem vimos pesquisando, dentre os vários motivos desse apagamento, está a não aceitação pelos ditos padrões da época. Estes padrões são ainda definidos pelos grupos sociais dominantes, que determinam o que é a literatura e, com isso, muitas obras e seus autores são apagados da história literária, enquanto outros são reverenciados ao longo dos séculos.

Para Muzart, em estudo sobre a questão do cânone, aponta que este é um dos fatores que determinam ainda o esquecimento de escritores, em maioria autoras femininas, e afirma que:

O estudo do cânone está ligado, pois, a várias coisas, principalmente à dominante da época: dominantes ideológicas, estilo de época, gênero dominante, geografia, sexo, raça, classe social e outros. Aquilo que, é canonizado em certas épocas, é esquecido noutras; o que foi esquecido numa, é resgatado em outra. [...] Não ousando inovar, as mulheres submeteram-se aos cânones masculinos. E, imitando-os, para se integrarem na corrente,

também não foram reconhecidas nem respeitadas e sim esquecidas, mortas. Pode-se argumentar que essas mulheres do século XIX, se numerosas, publicaram muito pouco. Daí a razão de não aparecerem nas Histórias da Literatura Brasileira (MUZART, 1995 p.86-87)

Pesquisar e conhecer Emília Freitas e sua extraordinária obra, *A Rainha do Ignoto*, nos revela a redescoberta dessa e de outras escritoras: diferentemente do perpassado em omissão pelas histórias literárias, demonstram que suas tessituras vão além dos discursos inseridos na época de suas produções e revelam novos conceitos diante da literatura e de seus escritos, perante as escritas femininas que remetem a temas e questões revolucionárias para a época e para os homens que dominavam uma escrita excludente para com o gênero mulher. Tais colocações nos indicam a necessidade de pensarmos a posição de escrita feminina diante a historiografia literária e além, pois é preciso refletir sobre o lugar de fala dessas mulheres para, de alguma forma, encorajar suas escritas em prol de não silenciarmos como nos remete a história.

Emília revela o seu lugar de fala perante a sociedade em que vivia, quando nos contempla com sua principal obra, *A Rainha do Ignoto*, constituída de uma narrativa intrigante e ousada. Alinhada ao gênero fantástico, a história se passa no antigo distrito de Aracati, denominado Passagem das Pedras, em período anterior à abolição. A sociedade descrita é hierarquicamente organizada em um espaço de difícil acesso de estranhos, denominado Ilha do Nevoeiro, liderado por uma rainha que assume, de modo bem dinâmico, diversas personagens femininas, e nesse espaço, existem várias mulheres que são recrutadas para ali viver. A escolha das mulheres é incorporada ao sofrimento que elas vivenciaram na sociedade. Para Oliveira (2016) a obra de Freitas merece ser lida, estudada e analisada, no entanto, a produção literária da autora não teve aceitação devida por parte dos críticos e dos leitores oitocentistas e nem do século XX, sendo denegada por bastante tempo.

3.2 - O fantástico na Rainha do Ignoto.

Remetemo-nos agora a mergulhar no universo fantástico de Emília Freitas. A priori, iniciamos com a escolha da palavra “ignoto”, inserida no título da obra o que nos faz pensar o quanto também se refletiu na vida da escritora, a palavra, *ignoto*, deriva do latim "ignotus, a, um", que significa desconhecido, ignorado, pois, por tempos, também marcaram a história de sua autoria conforme já mencionamos. A escritora Emília

Freitas, uma quase desconhecida por questões políticas, sociais, de uma época que a fizeram, por algum tempo não ser conhecida, estava ignorada, porém, na atual conjuntura, a proposta aqui é revelar ainda mais sua rica autoria e trazer visibilidade a sua obra.

Conforme leitura e pesquisa para tanto, a obra “A Rainha do Ignoto” é uma história fantasmagórica, melancólica, fantástica, na qual elementos da realidade se misturam com o mundo fantasioso, de espíritos, de seres marinhos, de hipnose, de navios-fantasmas, de ilha encantada, a “Ilha do Nevoeiro”, visível apenas para a Rainha e sua “maçonaria de mulheres”, também denominadas de “as paladinas do Nevoeiro”.

A obra, publicada em 1899, *A Rainha do Ignoto: romance psicológico*, encerra o século XIX brasileiro com uma obra riquíssima, tanto em fantasia que causa assombro, quanto em realidade, não menos impactante, enquanto descrição do imaginário político e social do Brasil do século XIX. Silva (2022) nos revela que a aparente contradição da junção entre fantasia e realidade, numa mesma trama, se desfaz durante a leitura desse romance, repleto de cenas com aparições sobrenaturais, nas brumas dos rios, nas montanhas, grutas e penhascos e também nas cidades do Norte do país, que revelam as violências e desigualdades sociais que assolaram a história nacional, como, por exemplo, a escravidão e a violência de gênero, manifestada nas práticas patriarcais dos homens e dos proprietários de escravizados.

Além disso, se destacam pela discussão sobre a condição das mulheres, muitas delas pobres, vivendo em situações de extrema violência e miséria; Emília Freitas não foge à historicidade que alimentou a produção dessa obra, bem como ao seu engajamento diante das questões sociais que vivenciava, tais como a escravidão, o feminismo, na política de sua época. Otacílio Colares, jornalista, ensaísta e notável poeta nascido em Fortaleza membro da Academia Cearense de Letras, foi um dos percussores em resgatar e estudar o livro no final dos anos de 1970, e considerou que o silêncio da crítica residia talvez em certo viés ultra-romântico que a obra trazia, em meio à efervescência do realismo-naturalismo do período (OLIVEIRA, 2007).

A autora nos afirma que a obra se trata, no entanto, do primeiro romance de autoria feminina publicado no Ceará e revela o cruzamento de diferentes estéticas, gêneros e subgêneros literários. Apresenta elementos do Romantismo, da literatura gótica e também do fantástico-maravilhoso. E, assim, ao fazer a leitura da obra, o leitor vai vivenciar em diferentes passagens do romance situações de mistério, o inverossímil e o estranhamento, o que são marcas próprias da atmosfera do subgênero fantástico-

maravilhoso, como bem nos afirma Todorov (2017 p.38) “existem narrativas que contém elementos sobrenaturais sem que o leitor jamais se interrogue sobre sua natureza, sabendo perfeitamente que não deve tomá-los ao pé da letra.” O Fantástico implica, portanto, estar entre o estranho e o maravilhoso.

Emília Freitas traça, desde o princípio da trama uma quebra das leis que organizam o mundo real, pois o leitor é informado da existência de uma criatura sobrenatural, que é denominada pelos moradores de Passagens das Pedras de A Funesta, isso acontece quando Dr. Edmundo ao perguntar para seu criado sobre uma serra alta ao longe, descobre sobre a lenda dessa criatura, que vive em uma gruta na Serra do Areré, e cria desordem na cidade, como respondeu seu criado: “Porque se for não voltará mais; dizem que tem uma gruta, onde mora uma moça encantada numa cobra, que a noite sai pelos arredores a fazer distúrbios.” (FREITAS, 2019, p.12) E o criado continua falando que ela anda também acompanhada com duas figuras místicas, um moleque que se arrasta pelo chão e um cão grande, preto, e por onde eles passam causam desgraça, como pode ser notada na seguinte passagem, quando o criado se despede de Edmundo: “Dizem que, onde aparece, é desgraça certa. Chamam-na A Funesta - Deus me livre de encontrá-la” (FREITAS,2019, p.13).

Com o desenvolvimento da narrativa vamos percebendo cada vez mais a curiosidade de Dr. Edmundo crescendo pela moça encantada, e, também, a negação sobre os fatos sobrenaturais que irão acontecer na cidade. Ele busca, a todo tempo, racionalizá-los, mesmo aumentando a quebra da realidade diversas vezes e despertando no personagem uma inquietude. Outra característica fantástica que Freitas utiliza, quando vemos em um primeiro momento, além da quebra das leis naturais pela presença do ser místico, são as manifestações sobrenaturais que surgem somente dentro de um ambiente similar ao do leitor, ela usa, para isso, a pequena cidade Passagem das Pedras. Alcilene Cavalcante de Oliveira, uma das estudiosas e pesquisadora da obra de Emília Freitas, em seu artigo “Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)”, revela que:

em meio à trama, a autora refere-se ao espiritismo, à psicologia, à hipnose, ao estoicismo, ao positivismo, às ciências naturais, à maçonaria, ao abolicionismo, ao republicanismo, ao feminismo, ao amor, à solidão, à angústia, enfim, a uma série de assuntos próprios de sua época. O enredo desvela a apropriação que a escritora realizou de ideias que circulavam nas sociedades cearense e amazonense dos Oitocentos. Incorpora aspectos da trajetória da própria escritora ao espaço ficcional, além de construir aspectos relativos ao fantástico-maravilhoso. Por meio desse romance, é possível

perceber o quanto Emília Freitas estava concatenada ao meio letrado, apesar da cultura misógina e de residir em províncias consideradas periféricas (OLIVEIRA, 2007 p.121-122).

Destaca também, em sua pesquisa, quatro elementos dramáticos, sendo um deles a protagonista, ora chamada de Diana, ora de Funesta, entre outros nomes adotados no desenrolar da história. A partir de recursos da literatura fantástica, mais especificamente do maravilhoso, esse núcleo também integra duas criaturas animais que são guardiãs da Rainha, sendo uma delas um orangotango. Tal recurso configura uma citação ao debate misógino da época, segundo o qual as mulheres estariam mais próximas dos gorilas, em inteligência e ações, do que dos homens. Trata-se, então, de um recurso irônico que, no primeiro momento, causa estranhamento ao leitor.

Além de criaturas estranhas, também mulheres que foram vítimas de injustiças, sejam afetivas ou econômicas – como as já mencionadas anteriormente tornaram-se “paladinas do Nevoeiro”. E cada uma delas exercerá uma função na Ilha, seja médica, alquimista, maestrina, engenheira, pianista, professora, entre outras, inclusive maquinista. Como se vê, eram todas profissões exercidas quase que exclusivamente por homens. Elas compartilhavam os propósitos da Rainha, cuja missão era assistir aos necessitados, sobretudo mulheres vítimas de desamor, de maus tratos domésticos e de solidão.

Além das mulheres, das criaturas e de crianças assistidas pelo Reino, havia um homem de nome Probo, o “caçador de onças”, que ocupava a função de “relações públicas” da ilha do Nevoeiro. Ele assume, por exemplo, o papel de comandante das embarcações da Rainha do Ignoto perante o público, que não poderia conhecer a verdadeira identidade das mulheres do reino do Ignoto. A protagonista é definida como mulher bonita, abastada e benevolente, é também emancipada, ousada, forte e instruída, contrariando, portanto, a concepção romântica de mulher da primeira metade do século. O segundo núcleo do romance é composto por uma família que tem costumes pautados pelos hábitos urbanos. Destacam-se as personagens Henriqueta e Virgínia, que representam modelos distintos de comportamento: a primeira encarna a moça da cidade, frequentadora de salões de Fortaleza e Recife, atenta às tendências da moda e que destila intenso menosprezo pelas pessoas do campo e por comportamentos que considera matuto. Já Virginia, é moça de opiniões fortes, principalmente em relação a sociedade, apesar de sofrer pelo falecimento dos pais e morar de favor na casa dos tios.

Já terceiro núcleo é composto por outra família, que se acomoda harmoniosamente ao universo do campo. Um dos membros dessa família, o pai, Martins, é um homem simples que aprecia a vida na fazenda. Desse núcleo, destacam-se a mãe, Raquel, que é professora, e a filha, Carlotinha, uma moça simples, cujo perfil é marcadamente romântico. Ela encarna a singeleza da vida campestre. É exatamente o oposto de Henriqueta, que desdenha dela, fazendo-a sofrer e se sentir inferior. O quarto núcleo compreende, entre outros personagens, o Dr. Edmundo, já mencionado anteriormente.

4- Considerações Finais

O presente estudo embasado em pesquisa de cunho bibliográfico intitulado Literatura, Mulher e Espaço Social: o caso Emília Freitas, teve por objetivo desencadear discussões norteadoras para todos os apaixonados pela literatura, em especial para os professores e professoras, que são os mediadores do conhecimento em múltiplas salas de aula pelo nosso Brasil, despertando uma reflexão, diante do espaço literário que escritoras mulheres tiveram e têm ocupado na literatura brasileira. Pensou sobre a edificação do cânone e a invisibilidade dessa escrita feminina, como exposto no caso da escritora Emília Freitas.

Assim, perpassamos por uma breve análise histórica, social e política do espaço literário que escritoras, como Emília Freitas, vivenciaram em meados de séculos anteriores ao XX. Foi percebido que as mulheres, apesar da invisibilidade e apagamento, conseguiram colocar seus escritos, mesmo com todas as interferências sociais e, políticas excludentes, postas por uma sociedade até então patriarcal e de soberania masculina.

Por isso, foi ressaltado evidenciar a obra da escritora Emília Freitas, escritora que conseguiu enfrentar uma sociedade conservadora, em uma época em que somente os homens poderiam se destacar perante as letras e romper com estruturas sociais, religiosas em busca da liberdade, de sorte que seus escritos fossem lidos, mesmo que por pseudônimos. Ela foi ousada em tecer uma obra de gênero fantástico, em uma época em que os escritos se voltavam a exaltar a identidade nacional.

A literatura é movimento, e esse movimento precisa articular novos saberes. É necessário que haja maior valorização e incentivo diante a temática abordada, visibilizando a participação feminina, principalmente olhar para escritoras como Emília Freitas e se questionar por que se fala tão pouco de mulheres escritoras em nossas salas de aula e por que ainda são poucas obras de autoria feminina que não se tornam um clássico literário, já que, independentemente dos conflitos vivenciados, as mulheres escrevem e põem suas obras para serem lidas, pois são mulheres corajosas. É urgente que valorizemos a participação feminina no espaço literário como parte essencial da educação libertadora proposta por nosso Paulo Freire, em sua obra Educação como prática da Liberdade ao ressaltar que *"A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à*

discussão criadora, sob pena de ser uma farsa." Sabe-se que tal proposta ainda não será aceita sem resistência, pois vivemos em uma sociedade democrática de livre pensar, mas de diálogos conflitantes, e, por isso, estamos em processo de construção. Neste sentido, precisamos ser leitores vorazes, críticos, sedentos pelo saber, de modo a dialogarmos em favor de cada vez mais termos textos femininos conhecidos e menos silenciados.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Mayara Cruz. **Palavra de mulher, novos leitores:** a presença de escritoras nas aulas de literatura em escolas publicas do município de Quixeramobim. Dissertação Mestrado Universidade Estadual do Ceará, 2019.

AMARAL, Bibiana Borges. **A Literatura Fantástica:** Percurso Histórico e Conceitual. Disponível em: Revista Porto das Letras, Vol. 8, Número Especial, 2022 Crítica, Teoria e Ensaísmo Literário. Acesso em: 01/05/2023

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. **Tramas femininas na imprensa do século XIX** : tessituras de Ignez Sabino e Délia. 2008. 419 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BARBOSA, Isabel Alves. **Emília Freitas:** Cânone literário e gênero no Brasil oitocentista. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/> 2021-07-12. Acesso em: 29/04/2023.

BLANCHOT, Maurício. **O espaço literário.** trad. Álvaro Cabral. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1987.

CASTANHEIRA, Claudia. **Escritoras brasileiras:** percursos e percalços de uma árdua trajetória. Revista.ufrj.br v.9 ano 2011. Acesso em: 29/11/2022

CAVALCANTI, Alcilene. Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908). Tese de doutorado em Literatura Brasileira, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG. UFMG: Belo Horizonte, 2007. Acesso em: 26/07/2022

CASTRO, Carla; MOURA, Gildênia. **Mulheres escritoras- as pioneiras do século XIX.** Curso de literatura Cearense. Fundação Demócrito Rocha -FDR Universidade aberta do Nordeste, 2019.

DUARTE, Constância lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** Disponível em: www.scielo.br/mulher,mulheres. Estd.av.17.dez.2003. Acesso em: 18/01/2023

FREITAS, . da C. M. de. **Empoderamento feminino e literatura:** uma proposta didática para o ensino. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 203–221, 2020. DOI: 10.5007/2175-7917.2020v25n2p203. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2020v25n2p203>. Acesso em: 18/01/2023

FREITAS, Emília. **A rainha do Ignoto.** 1º ed. Santana ed. Minna, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 36ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIMENES, Olíria Mendes. **O Anti- Cânone da Literatura Brasileira:** a escrita de Julia Lopes de Almeida, em memórias de Marta. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/arquivos/anais2019/32.pdf>. Acesso em: 29/04/2023.

GOMES, Aline de Oliveira. **Utopias de gênero na literatura brasileira:** A rainha do ignoto, de Emília Freitas, e a Viagem á Santa Vontade, de Maria Godelivie. Dissertação Mestrado Universidade Federal de Alagoas, 2016.

GROSSEL, Amanda Karine; SOUZA, Maurini de. **Literatura de autoria feminina como ferramenta de reivindicação social da mulher.** Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br> 2022. Acesso em: 19/01/2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. ed. WMF Martins Fontes. São Paulo, 2013.

HOOKS, Bell.. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Trad. Ana Luiza Libaneo. 1ªed. Rosa dos Tempos, rio de Janeiro, 2018.

LOPES, Ana Cristina Caminha Viana. **A escrita insólita da cearense Emília Freitas:** revisando o cânone da literatura fantástica no Brasil. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS LITERÁRIOS, 15., 21 a 23 nov. 2018, Fortaleza (CE). Anais... Fortaleza (CE): UFC, 2018. p. 281- 291. Acesso em: 29/04/2023

MUZART, . L. **A questão do cânone.** Anuário de Literatura, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 8593, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>. Acesso em: 01/05/2023.

NADER, Maria Beatriz; RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira. **Mulher e gênero em debate:** representações, poder e ideologia. - Vitória: EDUFES, 2014. 112 p. http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/browse?type=title&sort_by=1&order=ASC&rp_p=20&etal=-1&null=&offset=0 Acesso em: 01/05/2023.

OLIVEIRA, A. J. de; OLIVEIRA, J. P. de; ALÓS, A. P. **A voz da multiplicidade no reconhecimento da literatura feminina:** leituras de Rita Schmidt. **RUA**, Campinas, SP, v. 23, n. 2, p. 415–419, 2017. DOI: 10.20396/rua.v23i2.8651150. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8651150>. Acesso em: 29/04/2023.

OLIVEIRA, L. S. DE; OLIVEIRA, L. A. **O Silenciamento Literário das Mulheres Brasileiras.** Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 11, 2 jul. 2013. Acesso em: 29/04/2023.

PIMENTEL, Davi Andrade. **O espaço literário de Mauricio Blanchot.** Revista Garrafa 28. Disponível em: <https://docplayer.com.br/23900248-O-espaco-literario-de-maurice-blanchot-davi-andrade-pimentel-1.html> SSN 1809-2586 setembro-dezembro de 2012. Acesso em: 16/01/2023.

RIBEIRO, Cristiane de Paula. **Cânone Literária e o Lugar das Mulheres na Literatura Brasileira Oitocentista.** Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/>

Vol. 7 No. 1 (2018): Dossiê História e Gênero: representações e simbolismos. Acesso em: 29/04/2023.

RODA VIVA. **Retrô Rachel de Queiroz**. 1991. <https://www.youtube.com/> 7 de mar. de 2019 duração: 1:28:09 Entrevistadores - professor e crítico literário Fábio Lucas, ex-presidente da União Brasileira de Escritores; Marcos Faerman, repórter especial do Jornal da Tarde e editor-chefe da revista Shalom; Moacir Amâncio, escritor e jornalista do Caderno 2 do jornal O Estado de S. Paulo; escritora Maria Alice Barroso; Jaime Martins, jornalista da TV Cultura; o escritor Caio Fernando Abreu; Miriam Goldfeder, editora da revista Leia; e Gilberto Mansur, jornalista e escritor. Acesso em: 12/05/2023.

ROSSINI, Tayza Nogueira. **A construção do feminino na literatura**: representando a diferença. **Trem de Letras**, v. 3, n. 1, p. 97-111, 11 jul. 2016. Acesso em: 24/04/2023

SANTOS, Aílla Kássia de Lemos. **Movimento feminino e o debate da contracepção**- uma análise acerca do contexto brasileiro na década de 1970. <http://www.encontro2020.pl.anpuh.org>. Acesso em: 18/01/2023.

SANTOS, Mariana Pires. **Ensaiai a escrita, escrever a vida**: Sylvia Molloy entre o romance, o ensaio e o relato autobiográfico. *entreCaminos*, São Paulo, v. 3, 2019 Anais da VII Jornada do Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. Acesso em: 18/01/2023.

SARAIVA, Eduardo de Souza. **A Posição da Escrita Feminina no Cânone Literário Brasileiro**. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv> Vol 03, N. 01 - Jan. - Abr., 2017. Acesso em: 01/05/2023

SCHMIDT, Teresinha Rita. **Cânone, valor e a história**: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção. Disponível em: *El hilo de la fábula* : revista del Centro de Estudios Comparados. Santa Fé, Argentina. Vol. 10 (2012), p. 59-72. Acesso em: 29/04/2023.

SILVA, Laila Correa e. **“IGNOTAFEMINISTA-FANTÁSTICA”**: A Rainha do Ignoto (1899), de Emília Freitas. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/> Recebido em 13 out 2022. Aprovado em 07 fev 2023. Acesso em: 01/05/2023

SILVA, Ms. Régia Agostinho da. **Emília Freitas e a escrita de autoria feminina no século XIX**. Disponível em: *Outros Tempos* Volume 7, número 9, julho de 2010 - Dossiê Estudos de Gênero. Acesso em: 01/05/2023

TODOROV, Tzvetan. **Introdução á Literatura Fantástica**. tradução. Maria Clara Correa Castelo. 4ªed São Paulo: Perspectiva, 2017

ZOLIN, Lucia Osana. **A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade**. IPOTESI. Juiz de Fora, v.13.n.2, p.105-116 jul/dez. 2009. Acesso em: 18/01/2023.

ZOLIN, Lucia Osana. **Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade.** Letras, Santa Maria, v.20 n.41.p.183-195 jul/dez.2010. Acesso em: 18/01/2023.